



**TELECONFERÊNCIA NACIONAL
ITAÚ UNIBANCO HOLDING S.A.
Resultados do Primeiro Trimestre de 2012
25 de Abril de 2012**

Operadora: Bom dia. Obrigada por aguardarem. Informamos que esta teleconferência destina-se exclusivamente a tratar dos resultados do Itaú Unibanco Holding referentes ao primeiro trimestre de 2012. Dúvidas relacionadas à Oferta da Redecard devem ser direcionadas à área de Relações com Investidores do Itaú Unibanco Holding.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaú-unibanco.com.br/ri. Os slides desta apresentação estão disponíveis no site.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores **Alfredo Egydio Setubal**, Vice-Presidente Executivo e Diretor de Relações com Investidores; **Sérgio Ribeiro da Costa Werlang**, Vice-Presidente Executivo de Controles de Riscos e Financeiro; **Caio Ibrahim David**, Chief Financial Officer; **Rogério Calderón**, Diretor de Controladoria Corporativa e Relações com Investidores; **Marco Antunes**, Diretor de Contabilidade; e **Gustavo Henrique Penha Tavares**, Diretor do Itaú BBA.

Inicialmente o Sr. Alfredo apresentará os resultados do primeiro trimestre de 2012. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao Sr. Alfredo Setubal. Por favor, pode iniciar.

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Bom dia a todos. É um prazer estarmos todos aqui novamente para apresentarmos os resultados do primeiro trimestre de 2012.

Aqueles que estão acompanhando pela Internet, pelas telas, vamos começar pela tela número 2, os destaques que nós colocamos em relação as nossas demonstrações financeiras. O primeiro seria o resultado, o lucro líquido recorrente no período de R\$ 3,5 bilhões, que equivale a um retorno sobre o patrimônio líquido anualizado de 20%. O segundo destaque é o crescimento da carteira de crédito que



creceu pouco nesse primeiro trimestre, que tradicionalmente é um trimestre menos aquecido na economia brasileira, sazonalmente tem essa característica. A carteira de crédito com avais e fianças atingiu R\$ 400,5 bilhões, um crescimento de 0,9% nesse período. Se considerarmos os títulos privados que são carregados pela nossa tesouraria, de mais R\$ 17,1 bilhões, o total de risco de crédito que temos nas nossas demonstrações financeiras atingem R\$ 417,6 bilhões. Vamos detalhar toda esta parte de crédito um pouco mais adiante. Terceiro destaque é relativo à nossa margem financeira com os clientes. Nesse primeiro trimestre a margem financeira atingiu R\$ 12,4 bilhões e representou um aumento de 3,2% em relação ao trimestre anterior e 14,6% em relação ao primeiro trimestre de 2011, o que é uma boa performance. A *net interest margin* com os nossos clientes cresceu 0,2 ponto percentual, atingindo 11,2% em relação ao último trimestre de 2011. O *spread* sobre as operações de crédito cresceu 0,5 ponto percentual, atingindo 13,5%. No entanto o *spread* sobre as operações de crédito ajustado pelas provisões de crédito, líquidas das nossas recuperações apresentou uma redução de 0,6 ponto percentual nesse trimestre.

O quarto destaque, no slide 3, seria as receitas de prestação de serviços e seguros, continuam com uma tendência positiva, atingiram R\$ 5,8 bilhões, 14,1% de crescimento em relação ao ano passado, e um recuo de 2,6% em relação ao último trimestre de 2011, também vamos mostrar isso mais detalhadamente em um outro slide. O quinto destaque seria os créditos de liquidação duvidosa e o nosso índice de inadimplência. As despesas de provisão para crédito de liquidação duvidosa líquidas das recuperações atingiram R\$ 4,8 bilhões nesse primeiro trimestre de 2012, e as despesas com provisões para crédito de liquidação duvidosa apresentaram um crescimento de 10,6% comparado com o quarto trimestre de 2011 e atingiram R\$ 6,0 bilhões nesse período, um número acima daquele que nós estávamos estimando. A inadimplência, por consequência, superior a 90 dias, fechou com índice de 5,1% neste primeiro trimestre. Foi um aumento de 0,2 ponto percentual e um crescimento de 0,9 ponto percentual em relação ao fechamento do primeiro trimestre de 2011, continuando como nós vimos ao longo dos últimos trimestres em uma tendência de alta neste indicador. O sexto destaque, as despesas não decorrentes de juros, nesse quesito, nós continuamos apresentando uma redução do crescimento dessas despesas. Elas diminuíram nominalmente 4,6% em relação ao trimestre anterior, atingindo R\$ 8,2 bilhões, e um crescimento anualizado de 6,1%, que é um número bastante bom, um pouco acima da inflação. O sétimo destaque é o índice de eficiência, nesse primeiro trimestre foi de 44,5%, uma melhora significativa de 2,5 pontos percentuais em relação ao último trimestre do ano e de 2,9 pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2011. No acumulado de doze meses o índice de eficiência ficou em 46,6%, com redução de 2,6 pontos percentuais em relação ao primeiro trimestre de 2011. Continuamos trabalhando para atingir em 2013 o índice de eficiência de 41%. O oitavo destaque seriam os dois eventos subsequentes ao fechamento das demonstrações financeiras de 31 de março. Primeiro foi a aprovação pelo Banco Central no dia 23 de abril da compra de 49% do capital do Banco Carrefour. O segundo seria a alienação das ações que nós tínhamos do Banco Português de Investimento, que nós vendemos ao Grupo La Caixa, de Barcelona, na Espanha.



Indo para a página 4, a demonstração de resultados. Com nós vimos, o resultado recorrente foi de R\$ 3,544 bilhões nesse primeiro trimestre e o lucro líquido de divulgação de R\$ 3,426 bilhões. Os destaques aqui é o crescimento do produto bancário, 12,7% em doze meses. Esse produto dividido entre margem com clientes e margem com o mercado, a margem com os clientes cresceu 3,2% nesse primeiro trimestre de 14,6% no ano, que é uma boa performance dos nossos negócios com os clientes e que é o que dá sustentabilidade para os nossos resultados. As operações de seguro apresentaram um crescimento de 4,9% em relação ao primeiro trimestre do ano e quase 20% nos doze meses, mostrando que esse segmento tem crescido de relevância dentro dos nossos resultados, o que é bom e mostra um potencial de crescimento importante neste segmento. Na parte de despesas de provisões para créditos, os dados são mais negativos. Como nós comentamos, atingimos neste primeiro trimestre despesas de R\$ 6,031 bilhões antes das recuperações, um crescimento de 10,6% dessas despesas em relação ao último trimestre do ano passado, e de 37,7% nos doze meses que é um crescimento bem acima do ritmo de crescimento da carteira de crédito. Nas despesas operacionais não decorrentes de juros continuamos em um *trend* bastante positivo, crescimento de 6,1% em doze meses, e colaborou bastante para a composição do nosso resultado, tendo em vista um aumento das despesas de provisão acima daquilo que nós estávamos esperando.

Indo para a página 5, temos alguns indicadores dos nossos resultados. O produto bancário crescendo 12,7%. As despesas de provisão de 10,6% nesse trimestre. As despesas não decorrentes de juros 4,6%, caindo nominalmente no trimestre em relação ao trimestre anterior, resultando em um lucro líquido recorrente de R\$ 3,5 bilhões.

Na página seguinte a gente vê de forma gráfica a margem com os clientes, também crescendo nesse primeiro trimestre de 0,2 ponto percentual. As receitas de prestação de serviço caíram 2,6 pontos percentuais, atingindo R\$ 5,754 bilhões, e o ROE médio de 20%, caindo. No primeiro trimestre do ano passado foi de 23,4% e de 21,8% no último trimestre do ano passado, atingindo 20,0% neste período, como vimos, bastante impactado pelo aumento das despesas com provisão de devedores duvidosos.

Na página 7, a margem financeira crescendo nesse primeiro trimestre de 13% para 13,5% e os *spreads* reduzindo, como eu já comentei, 0,6 ponto percentual nesse período, e caindo de 8,0% para 7,4% o spread líquido e de 7,4% para 6,8% o NIM com clientes ajustada.

Na página 8, os destaques patrimoniais, dos ativos atingiram R\$ 892,8 bilhões, um crescimento de 5,3% nesse primeiro trimestre. O patrimônio líquido R\$ 72,5 bilhões, um crescimento de 1,6%. A carteira de crédito, como eu já comentei, R\$ 400,5 bilhões, 0,9% de crescimento. Os recursos captados com clientes, incluindo aqui os fundos de investimentos que nós administramos, R\$ 926,1 bilhões.

Na página seguinte os empréstimos por tipo cliente e produto. Como vimos, temos R\$ 400,5 bilhões na carteira total, a pessoa física R\$ 147,6 bilhões. Temos uma



queda na área de cartões de créditos que é sazonal em função do alto uso de cartões de crédito no último trimestre em função do Natal e fim de ano, uma queda de 6,1% no saldo no trimestre. Crédito pessoal cresceu 6,5% na carteira nesse período. Veículos é um mercado que está mais difícil do ponto de vista de crescimento da carteira, apresentou uma queda de 1,7%. Crédito imobiliário continua crescendo bastante, 8,5% nesse período e 57,3% nos últimos doze meses, continua com uma tendência positiva e bastante demandada.

Na parte de pessoa jurídica um crescimento menor, de 1,1%, basicamente puxado pelas grandes empresas, 1,8% de crescimento nesse período. As micros e pequenas e médias, a nossa carteira apresentou uma redução, em função, de um aperto maior na concessão de crédito nesse período deste primeiro trimestre.

Na página 10, podemos ver os indicadores de crédito, índice de inadimplência mostrando uma tendência muito parecida. A inadimplência de 90 dias com a curva que estamos mostrando aqui do próprio Sistema Financeiro, são dados do Banco Central. Os dados do Banco Central mostram a inadimplência atingindo 5,8% no Sistema Financeiro Brasileiro, o nosso número está em 5,1%, dividido em 6,7%, um pequeno crescimento da carteira de pessoas físicas e de 3,7%, um crescimento de 0,2 ponto percentual na carteira de pessoas jurídicas. Compondo tudo isso dá 5,1%, crescimento de 0,2 ponto percentual em relação ao último trimestre do ano. Vocês vêm pela curva que a nossa curva não é muito diferente daquela curva do Sistema. O que chama atenção aqui, no nosso caso, na nossa carteira, é o índice de inadimplência de 15 a 90 dias - são os indicadores de atraso. Nós vemos que as curvas, principalmente a curva de pessoa física continua apresentando atrasos, crescendo, o que possivelmente vai se caracterizar como perdas nos próximos trimestres. É um primeiro indicador de perda esse índice de atraso, a gente vê que pulou de 6,9% para 7,8% no caso das pessoas físicas, no caso de pessoas jurídicas mais o menos estável, e compondo o índice 4,8%. Portanto, nós temos aqui um indicador de atraso principalmente na pessoa física e que pode mostrar uma tendência ainda de crescimento da inadimplência acima de 90 dias, que é o índice tradicionalmente usado pelo mercado. A provisão para crédito de liquidação duvidosa aqui das nossas carteiras a gente continua com níveis de provisionamento bastante bons e um saldo de provisão total de R\$ 26 bilhões, que é um número bastante alto tendo em vista esses atrasos que estamos verificando.

Na página 11, indicadores de crédito, o índice de cobertura caiu mais um pouquinho para 148%, mas ainda bastante folgado. Se tirarmos os piores créditos, nós vemos que o índice caiu 1,0 ponto percentual, de 133% para 132%, ainda também bastante confortável.

Na página 12, nós trouxemos algumas perspectivas para o nosso desempenho na parte de crédito. A nossa expectativa é que as despesas de PDD, que nesse primeiro trimestre atingiram R\$ 6,0 bilhões, em função, principalmente, desses atrasos que eu comentei duas telas atrás que estão ainda crescendo, nós temos uma expectativa e, estamos passando pela primeira vez para o mercado, que no segundo trimestre essas despesas fiquem algo em torno de R\$ 6,0 bilhões a R\$ 6,4 bilhões nesse segundo trimestre. A nossa melhor estimativa para o terceiro trimestre



neste momento seria um *range* de R\$ 6,5 bilhões a R\$ 7,1 bilhões. Portanto, temos a expectativa, sim, de que as despesas de PDD continuarão subindo nos próximos trimestres muito em função desses atrasos, como eu comentei. O cenário de crédito mostra que as carteiras mais impactadas são as carteiras de veículos e de crédito pessoal, portanto, carteiras ligadas aos segmentos de pessoas físicas e no segmento de veículos onde nós temos a liderança deste mercado, portanto, a nossa carteira proporcionalmente aos demais bancos é maior, portanto, acaba tendo um impacto maior nesse segmento, continuarão sendo as carteiras mais impactadas no segmento de pessoa física. Temos evidentemente atuado nisso, queremos e estamos participando, estimulando um uso maior, um uso consciente do dinheiro, que é uma campanha que o Itaú Unibanco já vem fazendo há bastante tempo. Temos mudado o nosso mix já ao longo dos últimos trimestres e continuaremos nessa direção para segmentos de produtos de menores riscos, que evidentemente tem menores *spreads*, mas que podem ser compensados por um maior volume. Estamos atuando em uma seletividade maior dos nossos clientes, procurando clientes com maior qualidade, melhorando as estruturas de garantias, principalmente no segmento de médias empresas e pequenas empresas que podem oferecer garantias melhores. E evidentemente atentos ao nível de endividamento geral da economia que nós entendemos que ainda é sustentável, mas de qualquer jeito temos que ficar atento para que se evite qualquer tipo de bolha ou qualquer tipo de super endividamento no Sistema. A partir das próximas semanas vamos ter acesso aos dados do Banco Central com as dívidas dos clientes no Sistema Financeiro acima de R\$ 1,0 mil, isso dará todo o Sistema uma visibilidade maior e uma realidade melhor daquilo que é realmente hoje o mercado de crédito no Brasil, os dados ainda estão começando a ser divulgados pelos bancos e pelo Banco Central, de qualquer jeito todo o Sistema terá uma visibilidade melhor de como está o sistema de crédito no Brasil a partir desses dados. De qualquer forma, no nosso entendimento, em função, da grande desaceleração que houve na economia brasileira, que saiu de um crescimento anualizado no último trimestre de 2011 de quase 10% ao ano para um crescimento inferior a 3%, é quem sabe a razão principal do aumento desses índices de inadimplência a que estamos registrando no nosso balanço que foi essa desaceleração com as medidas macroprudenciais que foram adotadas pelo governo no final de 2010, acabaram tendo um impacto maior do que se esperava no ritmo de crescimento da economia e o que acabou, no nosso entendimento, gerando esse aumento de inadimplência, apesar de estarmos com a economia crescendo um pouco e índices de desemprego bastante baixos ainda neste momento.

Na página 13, os recursos próprios, captados e administrados atingindo R\$ 1,209 trilhão.

Na página 14, a relação entre a carteira de crédito e as captações, mostrando que estamos com bastante tranquilidade, continuamos achando que depósitos não é um problema ainda no Sistema Financeiro Brasileiro, há abundância de recursos, não será por aqui no curto e médio prazo nenhuma recessão ao crescimento da carteira de crédito em função dos depósitos.



A prestação de serviço, no slide 15, a gente vê que no primeiro trimestre as receitas diminuíram o em relação ao último trimestre, principalmente, ligadas a cartão de crédito e operações de créditos e garantias que apresentaram queda nesse período - são os dois grandes fatores que impactaram e que levaram a esta queda.

Na página 16, as despesas não decorrentes de juros, continuamos decrescendo os indicadores e, estamos atuando dentro do nosso range que foi dado no final do ano passado de crescimento de despesas. Continuamos bastante focados na melhoria a operacional do banco e acreditamos que ainda temos alguns ganhos para apresentar ao longo dos próximos trimestres.

A página 17, à composição do nosso lucro líquido, como ele foi dividido, nós vemos que o banco comercial representou 31% do resultado, caiu em relação ao último trimestre do ano passado, especialmente, em função, de inadimplência. O Itaú BBA 21%, mostrou um pequeno crescimento na pizza. Seguros e previdência praticamente estáveis, 15% ante 16%. Crédito ao consumidor representou 10% do resultado, também estável. As atividades com mercado, a parte de tesouraria e a aplicação do excesso de capital do Banco, 23% do nosso resultado.

O Índice de Basiléia, continua bastante folgado, bastante alto em relação aos mínimos exigidos pelo Banco Central, 16,1% nesse período, no fechamento do trimestre.

A nossa capitalização de mercado R\$ 158,2 bilhões no final do trimestre, com uma liquidez de R\$ 743,0 bilhões/dia da nossa ação.

Para finalizar a venda das ações do BPI ao Grupo La Caixa, nós atingimos 18,87% do capital deste banco em Portugal. O Grupo La Caixa era já o maior acionista, ele comprou a nossa participação neste Banco por € 93 milhões, isso gerará um impacto positivo de R\$ 100 milhões no patrimônio líquido é um resultado negativo não recorrente nesse segundo trimestre de aproximadamente R\$ 200 milhões no nosso resultado contábil, que será apresentado em julho.

Essas são as telas que a gente estaria apresentando, agora estamos abertos às perguntas de vocês.

Sessão de Perguntas e Respostas

Sr. Jorg Friedemann (Bank of America Merrill Lynch): Obrigado pela oportunidade, bom dia a todos. Eu acho que um tema de muita atenção continua sendo a questão da inadimplência e agradeço pela tela em que vocês mostram as expectativas de evolução do provisionamento. Eu gostaria só de entender, se possível, como que vocês veem isso se reconciliando com a perspectiva também de cobertura, se vocês podem dar uma primeira clareza sobre isso? Porque nesse trimestre o que a gente observou foi uma queda de cobertura talvez até em função de como funciona a mecânica de *charge off*. O que eu gostaria de entender é se



além deste crescimento bastante expressivo que vocês preferem da provisão, vocês acreditam que a tendência da cobertura é uma tendência de queda ou se vocês vão até reforçar a cobertura, devendo essa situação mais difícil da inadimplência?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Oi Jorg, bom dia, é o Rogério. A nossa perspectiva em relação ao índice de cobertura é de estabilidade quando a gente olha a faixa E e G, o H, como você sabe, o H já é 100% provisionado, então o efeito da perda esperada vai migrando do H, podemos perder a cobertura na provisão total, mas é importante para nós a estabilidade da faixa E e G. A estabilidade da faixa E e G é o que dá relevância dessa informação, ela se reduziu muito pouco, de 133% para 132%, um ponto percentual então somente.

Sr. Jorg Friedemann (Bank of America Merrill Lynch): Perfeito, obrigado Rogério. Deixe-me explorar a minha segunda pergunta um pouco mais na questão de inadimplência, a gente percebe aqui uma nova mudança em relação à sinalização que vocês haviam anteriormente dado de que a inadimplência deveria estabilizar no segundo trimestre. Essa indicação da provisão deteriorando parece que mostra que a situação ainda está um pouco mais complicada, como vocês mesmo falaram, com *early delinquency* aumentando da forma que aumentou, principalmente na pessoa física, eu acho que isso corrobora ainda mais a tese. Eu gostaria de entender se vocês observaram alguma mudança? Vocês no passado haviam falado que no SMI vocês tinham sido um pouco mais agressivos em um determinado segmento e isso implicou em um reconhecimento de uma perda maior naquela carteira. Eu percebo, olhando especificamente as linhas de veículos e crédito pessoal que vocês mencionaram como os responsáveis por esse problema maior na inadimplência, elas vinham já desacelerando de maneira mais forte do que as outras linhas. Vocês reconhecem que há alguma estratégia um pouco mais agressiva, tem algum problema específico dessa carteira? Ou é alguma coisa realmente que vai impactar provavelmente todo o mercado? Porque a gente pelo menos não viu na mesma magnitude o efeito que vocês estão antevendo aqui no outro banco que já reportou, então se vocês pudessem dar um pouco mais de clareza aqui, eu agradeço.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): O cenário geral de inadimplência no Sistema é de subida, então isso evidentemente impacta o Sistema como um todo. No entanto, cada um dos bancos tem um portfólio diferente em termos de proporcionalidade das carteiras. Uma das carteiras que está performando e puxando essa inadimplência é a carteira de veículos, e é notadamente a carteira de veículos originada em 2010. A partir do final de 2010, com as medidas macroprudenciais isso acabou elevando as taxas e nós geramos uma carteira, uma safra com menor qualidade. Essa safra de menor qualidade nós identificamos e tomamos as providências em relação à seletividade, nós já falamos bastante sobre isso. A partir de seis meses para cá, nós temos construído uma carteira que tem indicadores de inadimplência muito mais positivos. Hoje o índice de *first payment default*, por exemplo, é metade de um ano atrás e ele está no mesmo patamar das melhores safras que nós originamos em 2009. No entanto, é uma carteira que tem um *duration* maior e leva algum tempo para passar tudo isso pelo resultado. Você mencionou também pequenas e médias empresas. Neste caso a carteira é mais curta e estes efeitos já se deram ao longo do ano passado, isso não está impulsionando agora, o



NPL, inclusive, não é afetado por isso, mas está, sim, refletido na evolução maior do *write-off* desse trimestre, por exemplo - por que você tem a maturação daqueles picos de inadimplência ocorrendo agora para fins de baixa da carteira. Quando a gente olha para frente nós olhamos uma perspectiva mais positiva. No entanto o que houve de mudança fundamental em termos mais estruturais é o fato de que o crescimento do PIB foi muito baixo nos trimestres finais do ano passado e no início deste ano, o que acaba empurrando um pouco para frente a capacidade de recuperação dessas carteiras porque elas se tornam mais lentas na sua recuperação. Como nós vislumbramos um crescimento acentuado no segundo semestre, mais para o final do ano, enfim, isso deve ser visto melhor. Só que a nossa melhor visão neste momento é que nós ainda teremos o crescimento da provisão para devedores duvidosos nos próximos dois trimestres e, portanto, nós achamos que era importante comunicar isso a vocês desde logo.

Sr. Jorg Friedemann (Bank of America Merrill Lynch): Perfeito, Rogério. E você menciona que o crescimento deve ocorrer nos próximos dois trimestres e vocês não colocaram a expectativa do quarto trimestre. Então pelo o que eu estou inferindo, o quarto trimestre deve mostrar que já uma melhora de acordo com o cenário atual que vocês trabalham em relação ao terceiro trimestre, seria isso mesmo?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): É correta, é precisa a sua informação. Com cenário que nós temos hoje este é o nosso quadro, mas nós traremos no próximo trimestre, nesse mesmo *conference call*, a nossa visão do quarto trimestre, e ela estará ajustada pela nossa visão mais refinada da confirmação ou não deste cenário.

Sr. Jorg Friedemann (Bank of America Merrill Lynch): Ok, perfeito. Muito obrigado pelas respostas.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Obrigado.

Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): Bom dia a todos. Eu tenho também algumas perguntas em relação, por exemplo, a crescimento. Considerando este cenário de deterioração da qualidade do crédito um pouco pior do que vocês tinham imaginado inicialmente, como vocês veem o crescimento este ano considerando, por exemplo, o *guidance* que vocês deram para o ano? Ele ainda é válido ou esse cenário de inadimplência leva a uma cautela maior do crescimento? Outra pergunta é em relação ao crédito pessoal, vocês ao longo do ano passado cresceram também fortemente neste segmento e o argumento é que vocês estavam recompondo *market share* na carteira, basicamente este crescimento se dava na base de clientes de vocês. Essa carteira que vocês cresceram fortemente, principalmente, que está se deteriorando neste momento? E uma última pergunta em relação a recuperações, teve uma pequena queda neste trimestre, como vocês veem as recuperações se comportando daqui para frente? Obrigado.

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Oi Carlos, Alfredo. Nós continuamos com nosso *guidance* de 14% a 17% de crescimento da carteira de crédito. A nossa expectativa é que o segundo semestre, a economia apresente um desempenho



melhor do que ela vem apresentando até agora. Eu acho que as medidas de redução de juros e outras coisas que o governo tem feito de incentivo vai levar a economia a ter um desempenho melhor, mas não mudamos a nossa expectativa de *guidance* para este segmento de crescimento da carteira de créditos. Em relação a sua segunda pergunta, sim, nós crescemos bastante a nossa carteira de crédito ligada aos nossos clientes, principalmente no segmento Itaú Uniclass - que é um segmento um pouco acima daquilo que nós consideramos cliente de varejo, ele fica entre o varejo propriamente dito e o Personalité. Essa carteira também tem apresentado alguma perda, então quando a gente fala em carteira de veículos e de crédito pessoal, sim, você tem razão, é evidente que é maior o impacto na carteira de veículos, muito maior, não se compara porque são não clientes na sua maioria, a carteira de veículos, você sabe, a gente opera através das concessionárias então nós não temos o mesmo nível de informação. O grande impacto do crescimento vem de veículos, mas também vem um pouco da carteira dos nossos clientes, do Itaú Uniclass que também foram impactados pela inflação que houve maior no ano passado, esse desaquecimento da economia, enfim, houve, sim, um impacto nesse segmento. Eu vou passar para o Rogério para ele falar para você um pouco sobre a renegociação.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Eu acho que, Firetti, você perguntou sobre a recuperação, né?

Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): Isso.

Sr. Rogério: De fato ela tem uma queda no primeiro trimestre em relação ao quarto trimestre, mas é muito mais pelo fato de que a base no quarto trimestre é bem superior por causa do décimo terceiro e etc., o ingresso de maiores recursos na economia sempre cresce no quarto trimestre, decresce no primeiro em relação a isso, nós temos uma perspectiva de ligeira elevação ao longo dos próximos trimestres e sempre vai atingir o pico lá no quarto trimestre de novo.

Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): E só para uma última pergunta, vocês não estão falando explicitamente em termos de quanto vocês ainda esperam deterioração da carteira em termos de *non-performing loans*. Mas, olhando o cenário atual, quando vocês imaginam que o pico do NPL vai ser atingido, terceiro trimestre?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Nós estamos evitando falar de NPL devido à dificuldade de precisar como é que vai se dar a crescimento, a retomada do crescimento econômico ao longo deste ano. O NPL *ratio* sempre tem a dificuldade de você trabalhar não só com a inadimplência, mas também com a velocidade do crescimento da carteira, por isso nós estamos evitando dar uma previsão deste indicador e optamos por dar uma previsão da despesa porque a despesa é uma rolagem da nossa carteira, nós temos bastante controle sobre isso. A velocidade do NPL, da inflexão do NPL vai depender muito do crescimento da economia. O que nós hoje estamos vendo é o crescimento da despesa até o terceiro tri, o que indicaria em condições normais que o pico se daria no terceiro tri, mas evitamos dar um quantitativo sobre isso, Firetti.



Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): Tá bom, muito obrigado.

Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual): Bom dia pessoal. A pergunta é na parte de margem e *spread*, estamos vivendo um ambiente onde as margens estão pressionadas e tem uma pressão grande dos bancos públicos por queda de *spread*. Pelo menos claramente aqui no resultado de vocês o *spread* não está compensando o risco que vocês estão tomando na carteira. Ao longo de 2011 e um pouquinho em 2012 esse *spread* não foi compensado. Eu queria ver, saber de vocês qual é a expectativa para isso nos próximos trimestres, não só na parte de *spread* para cliente principalmente, para compensar essa piora significativa na expectativa de inadimplência? E depois eu faço segunda pergunta.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Em relação aos *spreads*, de fato nós vimos uma deterioração da inadimplência maior do que aquela que tínhamos inicialmente previsto. Isto é refletido dinamicamente nos nossos modelos, em função disso, nós já tomamos várias medidas, vimos tomando várias medidas, inclusive muitas delas já conversamos sobre seletividade em cartões de crédito não correntistas, sobre veículos, e isso tudo já são ações corretivas em relação a este desempenho. Tem a questão do *duration* da carteira que eu mencionei há pouco, leva algum tempo para isso, mas também tem o impacto no crescimento da carteira e por isso nós também fizemos a previsão de crescimento neste ano em um ritmo menos intenso do que nos anos anteriores exatamente por este grau de seletividade. Estas ações tomadas nos parecem adequadas para que a gente retome este nível de cobertura que os *spreads* dão sobre o risco que nós tomamos. O que não tem nada a ver, o que aproveito e emendo, com as nossas decisões de reduções de *spreads* anunciadas, estas estão tomadas com absoluta racionalidade, cliente tem uma perspectiva de risco diferente e nós estamos trabalhando com carteiras de menor risco, com garantias mais estruturadas, o que permite, sim, esse movimento, sem o sacrifício do *spread* líquido, da retomada e da proteção do *spread* líquido.

Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual): A próxima pergunta na parte de crescimento, eu queria que você elaboração pouco... claramente a carteira de vocês está deteriorando mais rápido, pelo menos é o que vocês têm dado de *guidance*, diferentemente do seu principal, vamos dizer assim, concorrente privado. Sei que tem a questão de *market share* e tal, mas em um ano como este e o que vem acontecendo nos últimos trimestres, porque crescer 14% a 17%? Por que não segurar mais o crescimento?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Nossa faixa de crescimento anunciada no começo do ano 14% a 17%, segundo o nosso entendimento é uma faixa abrangente, suficiente para acomodar esse direcionamento que você sugere mais intenso ou menos intenso. De qualquer forma, na medida em que o cenário se confirme ou não da economia, nós poderemos revisar esse *guidance* e anunciar alguma mudança. Neste momento não há razões para imaginarmos um *guidance* diferente dessa faixa entre 14% e 17%.

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Só complementando, Marcelo, é Alfredo. Veja, eu acho que a gente tem crescido e eu acho que boa parte deste crescimento



virá em áreas de menor risco. Eu acho que o Itaú BBA tem uma perspectiva de crescer carteira, estão usando mais o mercado local, a gente vai ver ainda crescimento grande na carteira de crédito imobiliário. Nós temos ganho mercado na área de consignados. Eu acho que boa parte deste crescimento virá deste segmento de menor risco, melhor garantia, clientes de potencial de pagamento, vamos colocar assim, melhor. Nós estamos bastante confortáveis com esse *guidance* porque ele é muito concentrado nesses segmentos de melhor qualidade. A nossa carteira de veículos não vai crescer, quem sabe até ela decresça ainda mais, a gente perca um pouco de mercado, é bem provável que isso ocorra. Crédito pessoal estamos mais cautelosos também. Pequena empresa já há vários trimestres a gente tem reduzido bastante e o que a gente tem feito nesse segmento é tudo com garantias de recebíveis. Enfim, eu acho que o número de crescimento será provavelmente atingido com qualidade melhor.

Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual): Entendi. Só uma última pergunta, eu prometo. Na parte de custo que você sempre vem falando, onde vocês controlam e vão continuar controlando, na nossa opinião aqui é que foi bem no primeiro trimestre, o crescimento anual é baixo na casa dos 6%. Mas eu imagino também que quando vocês deram esse *guidance*, a perspectiva de deterioração de resultado de inadimplência era outra, vocês já estão como ROE, pelo menos no primeiro trimestre, apesar de ser sazonalmente mais fraco no primeiro trimestre, se você colocar uma alíquota de imposto mais normalizada na casa de 18,5%. Dado esse cenário, se vocês podem fazer mais em termos de controle de custo para ter mais ganhos de eficiência para amortizar mais essa piora de inadimplência? O que eu estou perguntando é se vocês podem fazer mais corte de gastos para ser mais eficientes do que a carteira não estar ajudando vocês?

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Eu acho que esse é um ponto verdadeiro, eu acho que a gente tem atuado bastante forte na parte de despesas, vamos continuar, eu acho que temos algumas oportunidades ainda de melhoria nesse quesito que podem ajudar a compensar um pouco este maior aumento de crescimento da inadimplência, das provisões. Sem dúvida, vamos melhorar e vamos trabalhar mais neste aspecto, sim, ao longo dos próximos trimestres para ver o que a gente consegue adicionalmente às nossas despesas, e trabalhar o mais próximo possível, vamos colocar dessa forma, na parte mais baixa do *range* que a gente deu. É muito difícil ser muito menor do que isso tendo em vista a própria indexação da economia, crescimento, abertura de agências que a gente está fazendo. Vamos trabalhar para ficar perto do *range* mínimo, da parte baixa do nosso *range*.

Sr. Marcelo Henriques (BTG Pactual): Ok, obrigado pessoal.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): Bom dia, senhores. Eu tenho duas perguntas. A primeira, eu queria entender um pouco de vocês como é que está visão do economista de vocês em relação à alavancagem do consumidor e comprometimento de renda para os próximos anos? Você acha que isso vai continuar deteriorando não só durante este ano, o ano que vem? E um pouquinho mais além de 2012, claramente, vocês mesmo apontaram, teve uma piora muito maior do que vocês estavam imaginando, mas para 2013 o que a gente pode esperar? É correto dizer



que teve uma mudança estrutural na questão do endividamento do consumidor e você acha que isso pode levar a um crescimento muito baixo de crédito ao consumo nos próximos anos, particularmente considerando que os *spreads* ainda continuam altos? Você acha que é possível melhorar este índice para frente sem reduzir *spread*? Depois eu faço a minha segunda pergunta.

Sr. Sérgio Werlang (Itaú Unibanco): O economista chefe não está aqui, Ilan, mas eu posso responder, é o Sérgio, eu posso responder sobre comprometimento de renda. Se você observar a série do Banco Central, você não precisa ir muito longe, basta observar a série do Banco Central e você vê que o comprometimento de renda do brasileiro aumentou na despesa de juros e da despesa de juros e amortização. Então obviamente é uma combinação de vários fatores e claro que a taxa de juros é um fator muito importante. Portanto, quanto à sua pergunta sobre o comprometimento de renda o que a gente observa é que nas nossas projeções, tendo em vista as projeções macroeconômicas que nós temos de retomada de crescimento, mais forte principalmente a partir do segundo semestre deste ano, o que a gente tem visto e com natural resposta das autoridades monetárias em relação a uma possível e quem sabe uma queda adicional ainda das taxas de juros, o que a gente vê nas nossas projeções é que o comprometimento de renda já vai começar a cair lentamente, porém cair no terceiro trimestre ou no quarto trimestre deste ano. É claro que a sustentabilidade da Selic baixa vai sempre contribuindo para que esse comprometimento diminua, e com o crescimento da economia a gente imagina que também a renda cresça um pouco mais rápido, de modo que sempre na direção de menor comprometimento mais adiante.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Oi Marcelo, Rogério. Em relação à segunda parte da sua primeira pergunta, o que nós esperamos para 2013, nós não temos nenhuma mudança estruturalmente sobre o que nós imaginamos em relação à construção do nosso resultado em 2013. Nós continuamos vendo um cenário de crescimento do crédito em um patamar acima do PIB nominal, alguma coisa em torno de 1,5 vez e 2 vezes, movimentado evidentemente por carteiras diferentes, e especialmente carteira imobiliária e outras carteiras de menor risco. O nível de investimentos também deve trazer um impulso maior as grandes empresas e tudo mais, vimos com isso uma certa compressão nas margens, vislumbramos a recuperação de patamar de inadimplência no próximo ano em um patamar melhor do que nós temos hoje, o que traz o resultado, a contribuição lá das linhas de cima do resultado mais para cima. Paralelo nós temos um crescimento acentuado que tem sido verificado nas operações de seguros e o *fee income* se acelera. Junto com tudo isso o nosso *cost efficiency*, que vem melhorando bastante, nós continuamos vislumbrando a sustentação do ROE naquele patamar 22% e 23% que nós achamos que no curto prazo é o nosso patamar sustentável. Em uma dimensão mais longa é um pouco diferente, em uma circunstância de Brasil diferente, custo de capital diferente, aí nós naturalmente deveríamos assistir uma certa redução disso, mas sem prejuízo da criação de valor pelo banco.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): E só fazendo uma segunda pergunta relacionada na questão da inadimplência. Nesse cenário que vocês esperam de melhora na inadimplência em 2013, você acha que seria possível você ter até queda



na despesa de provisão em termos absolutos em 2013? Ok, 2012 foi um ano ruim, mas isso em algum momento vai ficar para trás, você acha que 2013 é possível que a despesa de provisão na verdade se reduza em termos absolutos? Ou ela deveria estar ainda mais em linha com a carteira? Eu sei que é um pouco para frente, mas eu só queria entender um pouquinho o impacto realmente de uma queda no índice de inadimplência em relação ao impacto efetivo na despesa de provisão?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Você me pergunta se isso é possível, sim, é possível, e mais além, confirmando se esse cenário de crescimento no segundo semestre, junto com as ações de seletividade, é até provável.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): Ok, muito obrigado.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Oi, bom dia senhores. Eu gostaria de fazer alguns *follow-ups* na questão de qualidade de crédito. Primeiro gostaria de perguntar o que exatamente os faz tão certos de que pode haver melhora na inadimplência no final do ano? Por favor, não entendam como uma crítica, mas fato é que já se passaram alguns trimestres em que nós já ouvimos dos bancos que qualidade de crédito vai melhorar, mas sempre há um adiamento desse *turning point*. Eu entendo que a diferença no mix da carteira do Itaú, de certa forma explica um pouco o que está acontecendo no banco em relação aos pares, mas seria interessante ouvir de vocês se tem algum outro fator mais relacionado à originação que os senhores imaginam que estaria por trás deste comportamento um pouco pior de inadimplência no banco? Eu acho que também seria interessante se vocês pudessem nos dizer em outras palavras o que mudou desde fevereiro quando vocês divulgaram resultado e indicaram uma perspectiva de estabilidade até agora?

Sr. Sérgio Werlang (Itaú Unibanco): Fabio, aqui quem está falando é Sérgio de novo. Só para deixar bem claro aqui, quanto à projeção do índice de NPL no mercado, eu tenho a impressão que você tem estava presente aqui na reunião que nós fizemos, mas nós temos dito que a previsão de NPL no mercado o pico dela iria ser para o final do segundo trimestre e talvez no terceiro. Eu me lembro de ter mencionado especificamente do ponto de vista macroeconômico isso, inclusive em uma reunião que fizemos aqui específica sobre o assunto. Agora, os outros impactos o Rogério vai comentar com você.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Oi, Fabio. Sempre que nós falamos nas nossas perspectivas de inadimplência, etc., isso está sempre associado a um cenário. Este cenário na verdade é que não tem se confirmado. Por que ele não tem se confirmado? Basicamente pelo não crescimento que nós verificamos no PIB no terceiro e quarto trimestres do ano passado e no primeiro trimestre deste ano. É importante isso porque nós estamos de novo fazendo uma previsão, e esta previsão de novo está calcada em um cenário. A realização dela ou não depende do cenário, o que a gente controla, o que está nas nossas mãos e no final do ano passado e começo deste ano eu comentei bastante isso: nós viveríamos um ano em que nós não tínhamos uma perspectiva muito firme de qual seria o ritmo de crescimento e etc. por causa da oscilação da economia, e que nós iríamos dedicar bastante intensidade no que está na nossa mão, no nosso comando a questão do orçamento



de despesas e tudo isso. É muito mais fácil fazer previsão sobre o que está no nosso comando total. De qualquer forma para esclarecer que isso tudo está associado a um cenário. Você menciona também em relação a nossa originação. A originação contribui favoravelmente nesse movimento na medida em que, como nós apertamos, nos tornamos mais restritivos, ela serve para atenuar em certa medida isso. Agora, se ela vem em uma dimensão e o cenário não se confirma, ela pode não surtir todo o benefício advindo dela.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Entendo. Diante desse *guidance* de provisão para perdas de crédito que vocês colocaram hoje para o segundo e para o terceiro tri, como vocês se sentem em relação ao consenso de lucro para o ano? Principalmente em relação ao *guidance* de eficiência que vocês mantiveram supostamente?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Em relação ao *guidance* de eficiência nós fizemos um *guidance* de 200 a 300 *basis points*, e ele está perfeitamente de acordo com a nossa expectativa ainda. Não esqueça que a PDD não entra nessa conta do *guidance*. Em relação a esse *guidance* não tem nenhuma dúvida, aliás está até neste momento está muito próximo do teto desse *guidance*, que nós temos eu acho que dependendo de como você compare, são 240 *basis points* ou 290 *basis points* se tiver comparando com o primeiro trimestre do ano passado ou com o quarto trimestre. E ainda se você anualizar, dá 260 *basis points*, ou seja, qualquer caso se está mais para cima do *guidance* do que para baixo. A nossa perspectiva em relação ao *guidance*, portanto, é de atingimento dele, sim, e não há também nenhuma razão para nós mudarmos a expectativa do *guidance* final em 41% em 2013.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Desculpa, talvez eu não tenha sido claro. A minha pergunta foi muito mais em relação ao *guidance* de lucro para o banco do consenso em relação a essas novas estimativas de provisão para perdas de crédito. Como vocês se sentem em relação ao consenso?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Essa é uma pergunta meio complicada, Fabio, porque nós estamos dando agora um *guidance* diferente de despesas e preciso ver como tudo isso impacta. Atualmente nós temos esse cenário de sustentação do retorno que você conhece no curto prazo. Este ano é um ano que estará afetado por uma curva de inadimplência um pouco maior, eu acho que este é o comentário que dá para fazer neste momento, não mais do que isso.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Eu entendo perfeitamente, Rogério. Obrigado.

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Eu gostaria de agradecer a presença de todos. Tivemos um nível de participação muito grande pela Internet e pelo *conference call*. Estamos à disposição, para quem tiver outras perguntas, toda a nossa estrutura de relação com investidores está disponível para vocês. Àqueles que quiserem, às 11h, temos o *conference call* em inglês para os investidores fora do Brasil, enfim, quem quiser participar, evidentemente está convidado. Muito obrigado.



FIRB
FINANCIAL INVESTOR RELATIONS

Operadora: A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.
